

# O DISCURSO DE HOMENS E DE MULHERES MARCAS LINGUÍSTICAS SOB UMA PERSPETIVA DE GÉNERO

Violeta Amélia Magalhães<sup>1</sup>

violetadmag@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** Partindo de pressupostos teóricos fundacionais do estudo da atenuação e cortesia linguísticas, é objetivo deste trabalho verificar em que quantidade e como é que mecanismos desse tipo surgem no discurso produzido por homens e por mulheres. A análise quantitativa e qualitativa do fenómeno será edificada sobre três programas televisivos em que homens e mulheres são entrevistados separadamente. Serão analisados mecanismos que, ao procurar minimizar a força ilocutória de atos assertivos, retiram responsabilidade e firmeza ao discurso do próprio falante. Pretende-se com esta investigação aferir eventuais discrepâncias de género presentes no discurso e particularmente no uso da língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE.** Interação, Atenuação, Cortesia, Homem, Mulher, Discurso.

**ABSTRACT.** Based on theoretical assumptions of the study of linguistic attenuation and politeness, it is our purpose to verify in what quantity and how such mechanisms arise in the speech produced by men and women. The analysis of the phenomenon will be done through observation of three television programs in which men and women are interviewed separately. The mechanisms analyzed will be those that minimize the illocutionary force of assertive acts and remove responsibility and firmness from the speech. The aim of this research is to show possible gender discrepancies present in speech and particularly in the use of Portuguese language.

**KEYWORDS.** Interaction, Attenuation, Politeness, Man, Woman, Speech.

## 1. Introdução

O campo de trabalho Linguagem e Género tem-se revelado bastante produtivo nas últimas décadas. Desde que o seu livro foi publicado em 1972, Robin Lakoff tem vindo a encontrar múltiplas contribuições para a sua causa: descobrir eventuais diferenças entre o discurso produzido por homens e o discurso produzido por mulheres.

Neste presente trabalho, procurar-se-á analisar o Português Europeu Contemporâneo produzido por homens e por mulheres, segundo as suas diferentes

---

<sup>1</sup> Estudante do 3.º ano do curso de Licenciatura de Ciências da Linguagem, variante de Linguística.

utilizações de mecanismos de atenuação, partindo da obra fundacional nesta área de estudos - *Language and Women's Place* (1972). No entanto, estabelecer uma mera aplicação dos pressupostos de Lakoff ao português seria redutor tendo em conta os avanços já conhecidos desde então. Assim sendo, a análise será estabelecida tendo também em conta a taxinomia de fenómenos de atenuação de Briz e Albelda (2013), sobretudo considerando o modo e frequência de ocorrência da partícula interrogativa *não é?* (*tag question*, nas palavras de Lakoff) e das construções introdutoras de opinião e com valor modal epistémico como *acho eu, creio eu, penso eu, parece-me*. Para obtenção do *corpus* linguístico necessário, foram, numa primeira fase, analisados dois programas televisivos, ambos com um formato mais ou menos semelhante ao de uma entrevista. Numa fase seguinte, foram acrescentados os resultados obtidos num terceiro programa televisivo, esse correspondendo ao modelo prototípico da entrevista.

As expectativas ou intuições que, aliás, suscitaram o interesse por este estudo são as de que conclusões muito próximas das que Robin Lakoff e outros linguistas tiraram para o inglês – que os mecanismos de atenuação, nomeadamente, a célebre *tag question*, são mais frequentes no discurso produzido por mulheres – se verificarem também para a língua portuguesa, algo que procuraremos aferir preocupando-nos também em perceber o que distingue verdadeiramente o discurso produzido por um homem daquele produzido por uma mulher e, sobretudo, procurando perceber quão revelante em termos estatísticos poderá ser essa distinção quanto ao uso de atenuação. Para além disso, será que essa diferença corresponde a uma inquebrável associação entre atenuação linguística e sexo feminino ou haverá outros fatores sociais a considerar? Cientes de algumas limitações relativamente à extensão do próprio *corpus*, procuraremos de seguida apresentar algumas respostas.

## 2. Enquadramento teórico do tema

For me, some of the most interesting questions are raised by the study of words whose meaning implicitly involves fuzziness – words whose job is to make things fuzzier or less fuzzy. I will refer to such words as ‘hedges’.  
(Lakoff 1973: 471)

O fenómeno de atenuação linguística constrói-se a partir de elementos linguísticos que lhe são anteriores. Alguns dos mecanismos através dos quais se pode minimizar a responsabilidade do locutor na enunciação ou reduzir a força ilocutória da mesma são os modificadores morfológicos, algumas partículas interrogativas ou justificativas e as

construções verbais ou modalizadoras. Em suma, aquilo a que Lakoff (1973) designa por *hedges*, isto é, expressões que evitam a total assertividade. Segundo o autor, estas expressões ou palavras implicam também *fuzziness*, isto é, ambiguidade de tipo pragmático. Quer isto dizer que estas palavras têm aquilo a que Bussman (1990: 824) chama de “pragmatische Unbestimmtheit” ou *indeterminação pragmática* e, portanto, podem variar de contexto para contexto independentemente da sua representação linguística interna. Uma expressão pode ser vaga, isto é, pode funcionar como um *hedge* quando, na sua estrutura linguística interna, contempla algumas características não especificadas, quando o seu total preenchimento semântico pode ser diferente consoante o uso pragmático. Esta noção de *hedges* como elementos linguísticos que servem de diferentes formas vários enunciados, podendo assumir diferentes interpretações em contextos diversos, poderá naturalmente ser relacionada com a Teoria dos Protótipos, segundo a qual as palavras “erlauben, “problematische Elemente” unseres Daseins (...) nur aufgrund perzeptueller und psychologischer Plausibilitäten an bestimmte kognitive Kategorien anzubinden” (Blank, 2001: 49). Assim, o uso de *hedges* revelar-se-á produtivo, pois permitirá aproximar mais, ou menos, aquilo que dizemos daquilo que queremos dizer já que, como não há um exemplar perfeito para cada coisa que queremos dizer, como “nós pressupomos a própria coisa na linguagem, para que a linguagem possa referir-se a qualquer coisa” (Agamben, 2013: 20), tudo o que nos resta enquanto falantes é aplicar mecanismos linguísticos que tornem o nosso discurso mais ou menos vago.

Porém, as razões que nos levam a querer tornar o nosso discurso mais ou menos vago são várias e diversas. Segundo Leech (1983) e outros teóricos da cortesia, toda a interação socio-verbal parte de um princípio que é o da preservação do carácter harmonioso da comunicação. Lakoff (1975) afirma, desde logo, que a utilização de *hedges* – a que daqui em diante apelidaremos de mecanismos de atenuação – serve os propósitos da cortesia linguística. Estes mecanismos são usados, de forma geral, por um falante que está completamente seguro daquilo que diz, mas mesmo assim pretende mostrar-se gentil – de forma a que o equilíbrio comunicacional seja mantido - e, no caso do sexo feminino, essa gentileza (*subtileza*, nas palavras da autora) está intrinsecamente associada à construção discursiva da imagem de uma maior fragilidade e submissão social. Segundo Lakoff, o discurso produzido por mulheres nos EUA dos anos setenta apresenta mais mecanismos de atenuação, não porque as mulheres estejam menos seguras daquilo que dizem, mas porque lhes é imposta socialmente essa insegurança.

Desde a publicação de *Language and Woman's Place* - que inquestionavelmente abriu espaço a uma vasta colaboração entre Linguagem e Estudos de Género – muita investigação tem sido feita. De facto, alguma dessa investigação acabou até por provar o contrário de algumas anteriores considerações e foram descobertos novos argumentos para o uso de atenuadores. Consideremos o trabalho de Coates (2013). Para a autora, a utilização destes mecanismos relaciona-se com uma vontade dos falantes em parecer mais interativos, com uma tentativa de integrar o outro e não soar *demasiado especialista* ou por outras palavras, uma tentativa de *suavizar assuntos sensíveis* (Coates 2013) e são apresentadas quatro funções principais para o uso de atenuadores:

1. Expressão de dúvida e/ou confiança.
2. Autoproteção do falante de forma a soar mais sensível ao outro e para o seu discurso ser mais bem aceite.
3. Procura pela palavra certa, normalmente associada a uma pausa na produção de discurso.
4. Evitar o estatuto de especialista, autoridade e diferença social.

Os atenuadores, nomeadamente, construções introdutoras de opinião, estão então, por um lado, relacionados com níveis de modalidade epistémica (cf. função 1 acima). Segundo Oliveira e Mendes (2013), a modalidade é uma forma de expressar atitudes e opiniões acerca do conteúdo proposicional de um enunciado, sendo que esta atitude pode ser mais ou menos assertiva e pode evidenciar maior disponibilidade à interação ou autoridade. A modalidade epistémica lida com graus de certeza ou probabilidade, estando relacionada com a crença do falante acerca daquilo que está a dizer (Murphy 2010). Também para Hyland (1998), a modalidade epistémica é um aspeto fundamental para a comunicação, pois constitui um mecanismo que “facilita a comunicação aberta”, dando flexibilidade ao discurso, permitindo ao falante adotar posições e exprimir pontos de vista de uma forma mais cortês (*ibidem*). Aliás, toda a classe geral dos *hedges* concede ao falante a possibilidade de redução do seu comprometimento para com a verdade do enunciado produzido, refletindo-se assim a sua prudência e cortesia interacionais daquele que emite o discurso.

O tema da cortesia linguística é, de facto, fundamental ao tratar mecanismos de interação socio-verbal, pois a preservação das faces de ambos, locutor e alocutário, é um cuidado primordial adjacente a qualquer comunicação. Neste trabalho, teremos particular atenção ao tipo de cortesia negativa, aquela que tenta, por ação dos atenuadores, *abrandar*

(Orecchioni 2010) o caráter ameaçador de determinado enunciado. Retomando Coates (2013: 48), os atenuadores são “a key-means to modulate what is said to take account of the complex needs of speakers as social beings”.

No que diz respeito à partícula interrogativa que iremos também analisar, ela é, segundo Spencer (1985: 9), difícil de classificar e interpretar. Pode funcionar tanto como atenuador ou *forceful tag* (*ibidem*). Em Lakoff (1975), as partículas interrogativas são descritas como “a midway between an outright statement and a yes-no-question, [being] less assertive than the former, but more confident than the latter”. A partícula interrogativa é, portanto, utilizada tanto quando o falante está a afirmar algo e revela alguma falta de confiança na verdade dessa afirmação ou quando procura a corroboração da sua opinião (*ibidem*). Por outro lado, as partículas interrogativas do tipo *não é?* concedem ao falante um certo grau de descomprometimento para com o enunciado, evitando-se assim um eventual conflito com o alocutário. Portanto, constituem também um mecanismo de cortesia: deixam a decisão em aberto, evitam a imposição de um ponto de vista particular que é a do falante e revelam-se estratégias produtivas para a manutenção da comunicação. Poderá acontecer também que as *tag questions* funcionem como um procedimento de validação ou mesmo um “ritual confirmativo” (Orecchioni 2010). Outras vezes, porém, este mecanismo ocorrerá como um captador fático que procura apenas “assegurar a escuta do destinatário” (*ibidem*), uma função também descrita por Briz e Albelda (2013) como “regulador fático-apelativo”.

Em suma, estes mecanismos linguísticos – construções introdutórias de opinião e partículas interrogativas – poderão ter várias funções interacionais, entre elas, a de atenuação, tornando o discurso mais cortês e menos impositivo para o alocutário, ainda que procurando também orientar o ato comunicativo no sentido desejado pelo falante. Considerados os parâmetros, verificaremos de seguida o comportamento destes mecanismos no discurso produzido por homens e por mulheres.

### **3. Procedimento metodológico e amostra utilizada**

O método escolhido para procurar responder às questões colocadas na secção introdutória foi a análise de programas televisivos nos quais fosse possível encontrar discurso oral não excessivamente vigiado. Por ser um tipo de comunicação *in praesentia*, o discurso oral estabelece o mesmo tempo e lugar para o locutor e para o alocutário. Para além disso, é suficientemente espontâneo e imediato, oferecendo um espaço vasto o suficiente para a procura de mecanismos de atenuação. O tipo de interação a analisar não será, porém, a

conversa, mas antes a entrevista. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2010: 32), “o conjunto de papéis interacionais define o *contrato de comunicação*, ao qual estão submetidos os participantes em um tipo determinado de interação”, que, neste caso, é *contratualmente* definida como assimétrica e inalterável, pois os papéis são *complementares* aos intervenientes (*ibidem*). Quanto ao registo – como variedade de uma língua em estreita relação com uma situação de uso e propósito comunicativo particulares (Biber e Conrad 2009) –, aquele que foi adotado nos programas selecionados, está, segundo a tipologia de Joos (1967), algures entre o registo formal e o *consultative*, visto que se verifica o emprego de tempos verbais como o condicional ou de conetores mais elaborados como *no sentido de* (em detrimento de *para*) mas, por outro lado, é consideravelmente permitida a interrupção e a troca entre indivíduos. Os registos de língua - apesar de constituírem um universal linguístico, na medida em que em todas as culturas se podem atestar diferentes usos da língua, consoante situações comunicacionais diferentes e objetivos comunicativos específicos - não são, contudo, em si mesmos universais, pois também não o são os contextos interacionais (Biber e Conrad 2009). Desta forma se poderão vir a entender melhor eventuais discrepâncias entre os resultados deste tipo de análise aplicada ao português e a outras línguas e outras culturas.

Numa primeira fase da investigação, foram escolhidos dois programas televisivos emitidos pela emissora rádio-televisiva nacional. O primeiro chama-se *Série Grandes Livros* e consiste num programa cultural que apresenta algumas das obras literárias mais importantes da cultura portuguesa através da intervenção de vários falantes e de um narrador que coloca a pergunta, à qual os intervenientes devem responder. O outro programa tem o nome de *Afinidades* e tem o formato de entrevista informal, perto do modelo de *talk show*. A opção inicial por estes dois programas prendeu-se com o facto de ambos apresentarem algumas semelhanças de tipo social relativamente aos entrevistados. Segundo Guidicini (1987), para discutir diferenças de género é necessário ter em consideração a posição social assumida pelo falante no discurso e o seu socioleto e, neste sentido, a nossa intenção era aferir a eventual diferença de género no uso da atenuação começando por uma classe social elevada, com níveis de escolaridade altos. Assim, procuraram-se programas em que as pessoas entrevistadas pertencessem, em geral, à mesma classe social e apresentassem, por isso, um correspondente socioleto. No entanto, o terceiro programa analisado, com o nome de *Grande Entrevista*, também emitido pelo canal nacional e que consiste numa série de episódios com uma entrevista com cerca de 1 hora conduzida pelo mesmo apresentador a diferentes

personalidades da cultura e vida portuguesa<sup>2</sup>, alarga o espectro social em análise, incluindo falantes com diferentes percursos e posições sociais.

Relativamente aos instrumentos de análise utilizados para aferir o grau de atenuação dos discursos, foi sobretudo tida em conta a taxinomia de fenómenos de atenuação de Briz e Albelda (2013). O foco manteve-se na produção de construções introdutoras de opinião do falante e portadoras de um certo grau epistémico como *acho eu/ eu acho que, creio que/ eu creio que, penso eu/ eu penso que, parece-me* e na produção da partícula interrogativa *não é?*. Os resultados obtidos foram compilados em diferentes gráficos que registam os padrões de frequência da ocorrência procedendo-se depois à análise desses mesmos gráficos.

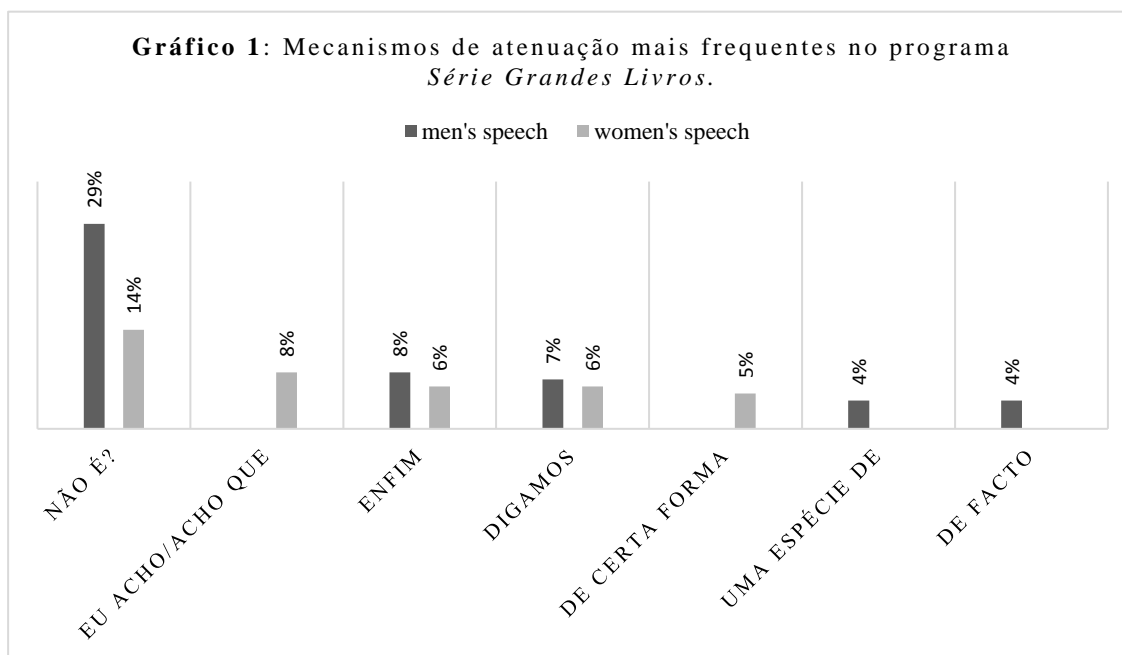
#### 4. Resultados

Começando pelo programa *Série Grandes Livros*, é importante referir que a disparidade ocorre, desde logo, a nível estrutural. Num total de 12 episódios, cada um com cerca de 50 minutos, a percentagem de ocorrência de discurso produzido por mulheres não é superior a 24%, contra os restantes 76% de presença de discurso masculino. Cientes desta condicionante, procedemos à análise do programa começando por fazer um levantamento das formas de atenuação mais utilizadas, seguindo-se uma contabilização da frequência de ocorrência das mesmas. Os resultados obtidos indicam que a partícula interrogativa *não é?* é a mais frequente em ambos os discursos feminino e masculino (gráfico 1). Porém, contrariamente ao que era expectável, segundo Lakoff (1972), o discurso produzido por homens revela uma maior presença dessa partícula em comparação com o discurso produzido por mulheres. Este resultado poderia indiciar que, talvez, no uso da língua portuguesa não se viessem a verificar as hipóteses levantadas por Lakoff (1972). Contudo, após uma investigação mais extensiva, parece ser este programa a exceção, e não o contrário.

---

<sup>2</sup> O programa *Grande Entrevista* continua a decorrer após a conclusão deste trabalho. Assim sendo, foram analisados apenas os episódios disponíveis até à data de início desta investigação, ignorando o restante *corpus* que foi estando posteriormente disponível.





Quanto à descrição linguística da partícula, ela parece, por um lado, cumprir a função de típico atenuador, retirando força à afirmação que é de resto, em alguns casos, duplamente atenuada por elementos que precedem o *não é?* (exemplos (1) e (4)). Por outro lado, todos estes exemplos evidenciam também a procura do falante pelo controlo da interação, função descrita por Briz e Albelda (2013), bem como, em alguns casos, um eventual efeito fático (Orecchioni 2010).

Discurso masculino:

- (1) *É uma espécie de latifundiário parasita, não é?*
- (2) *Por algumas ideias que ele defendia, que eles consideravam heréticas, não é?*
- (3) *O Pessoa ganhou um peso cultural específico entre nós, não é?*

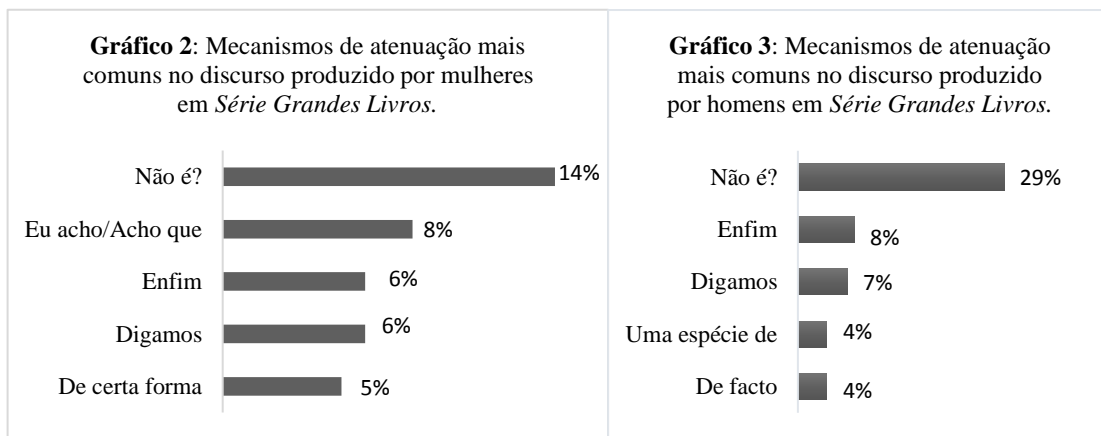
Discurso feminino:

- (4) *A pessoa quase prefere o ódio, não é?*
- (5) *É evidente que ele está a brincar, não é?*
- (6) *O espaço de afirmação dele tinha outros caminhos, não é?*

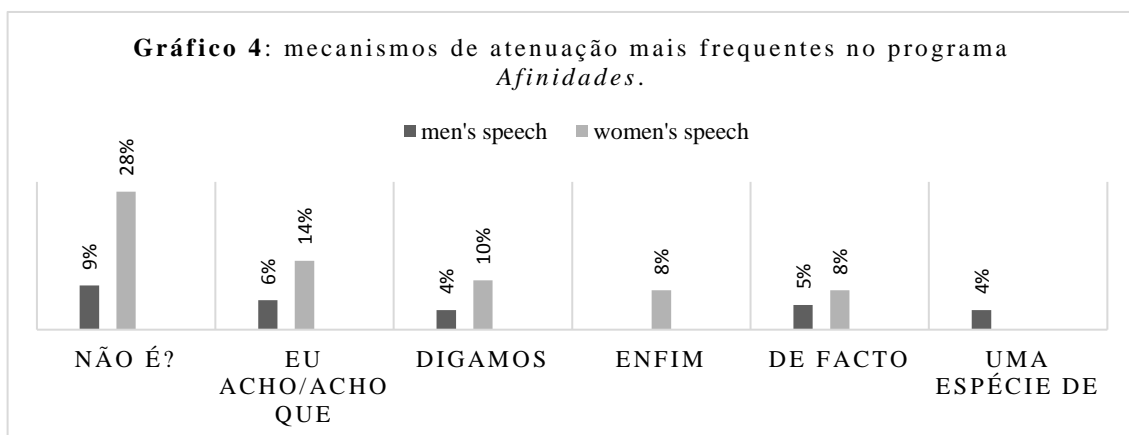
Um outro aspeto a referir quanto aos resultados obtidos neste programa, é o facto de a segunda forma de atenuação mais utilizada ser bastante diferente no caso de homens ou mulheres (gráfico 2 e 3). No discurso produzido por mulheres, as expressões *acho eu/en acho que* são bastante frequentes, enquanto que no caso masculino a utilização destes mecanismos



é quase nula. Em relação à quinta expressão mais utilizada, não deixa de ser relevante notar como no caso do discurso feminino se trata de um modificador morfológico externo que reduz a extensão do que é dito, enquanto que no discurso masculino a forma que ocupa o mesmo lugar é a expressão *de facto* que, segundo Macário Lopes (2004), ocupa o lugar mais alto da modalidade epistémica, isto é, consiste num operador argumentativo que expressa certeza.



No programa *Afinidades*, os dados assemelham-se mais às expectativas iniciais deste trabalho. O discurso produzido por mulheres revela uma produção maior de todos os mecanismos de atenuação recolhidos (gráfico 4), podendo então afirmar-se que, neste programa, as falantes do sexo feminino procuram desresponsabilizar-se mais relativamente ao discurso que produzem, retirando assertividade às suas afirmações.

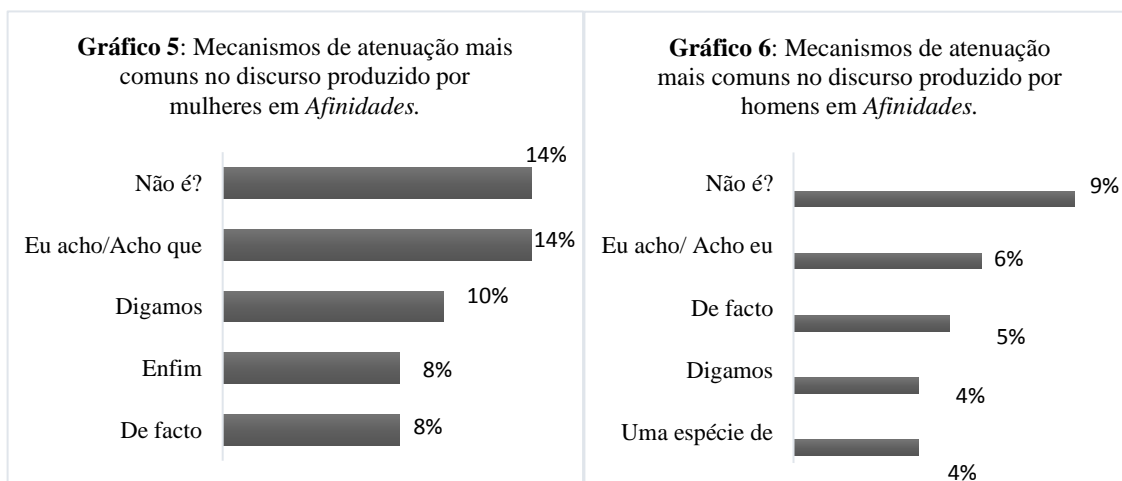


Vejam-se os exemplos:

(7) *No fundo é aquilo que eu quero, não é?*

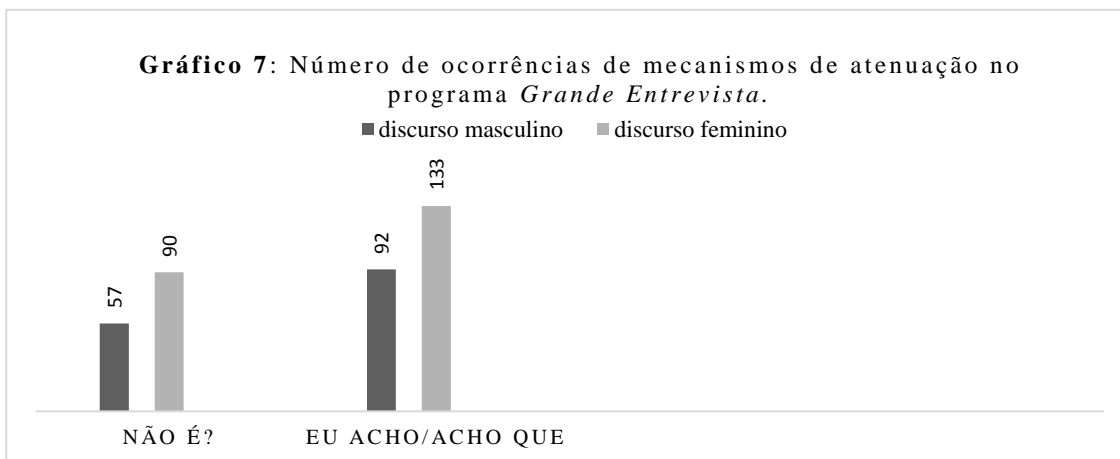
- (8) *Vê-se isso não só nos livros, mas nos próprios jornais, não é?*  
 (9) *Portugal é o país que vive da imitação, não é?*  
 (10) *E, portanto, acho que é uma falsa questão.*  
 (11) *Pode-se concorrer a um máximo de 45.000€, que é muito dinheiro, eu acho.*  
 (12) *Eu acho que isto é muito importante.*

Assim sendo, embora os resultados não sejam tão discrepantes quanto a literatura fazia esperar, temos de discordar de Murphy (2010): apesar de o contexto social ser o mesmo e, por isso mesmo, não se verificar uma considerável variação linguística diastrática, existem diferenças de género quanto ao uso da atenuação. As mulheres utilizam mais construções introdutórias de opinião e partículas interrogativas no seu discurso (gráficos 5 e 6), tornando-o menos assertivo e, se quisermos, menos *ameaçador* no sentido proposto por Brown e Levinson (*apud* Orecchioni 2010), isto é, menos propenso à destabilização do equilíbrio entre as faces dos intervenientes. Inerente a esta noção de ameaça, está também a de que numa interação socio-verbal estão sempre em jogos as faces negativa e positiva dos falantes - o seu território íntimo e o conjunto de imagens positivas construídas sobre o próprio, respetivamente - e todas as intervenções tem um carácter ameaçador latente, isto é, passível de provocar alguma perda ou dano a alguma das faces. Neste sentido, haverá sempre um potencial conflito instalado que deve ser evitado, aplicando-se para tal estratégias atenuadoras como as que aqui analisamos (*ibidem*).



Ao adicionar um terceiro programa televisivo à análise, procurou-se exclusivamente aprofundar o comportamento da partícula interrogativa *não é?* e das construções introdutoras de opinião e com valor modal epistémico como *acho eu, creio eu, penso eu, parece-me*. Também

neste programa, os episódios que correspondiam a entrevistas a homens eram em maior número do que aquelas feitas a mulheres. Assim sendo, procedeu-se à análise dos 7 episódios disponíveis relativamente ao sexo feminino e os outros 7 episódios para o sexo masculino foram sorteados. Os resultados obtidos por uma contabilização exclusivamente quantitativa e não em termos percentuais, como os anteriores, que consideravam toda a taxinomia de Briz e Albelda (2013) evidenciam que as mulheres utilizam mais ambos os mecanismos do que os homens (gráfico 7). Quanto à partícula interrogativa, o seu uso no discurso feminino continua a estar associado a uma desintensificação da afirmação anterior (exemplos 13, 14 e 15), mas, por outro lado, há também uma frequente ocorrência de *não é?* à frente de provérbios ou expressões idiomáticas (exemplos 16, 17 e 18) que ilustram a vontade interacional das falantes, podendo constituir uma busca de cumplicidade com o alocutário.



- (13) *Era impensável, não é?*  
 (14) *Desde logo o poder é muito grande, não é?*  
 (15) *Essa é uma pergunta complicada, não é?*  
 (16) *Não estragar as uvas na adega, não é?*  
 (17) *E destruir um átomo é muito difícil, não é?*  
 (18) *Entre aspas, não é?*

A análise do programa *Grande Entrevista* revelou um outro dado relevante no que diz respeito ao hipotético binómio atenuação/classe social. Quanto ao discurso feminino, há três episódios onde a partícula interrogativa *não é?* não ocorre uma única vez e nos três casos a mulher entrevistada exerce um cargo político, sendo esse o número total de entrevistadas que se inserem nesse grupo profissional. A partir daqui, poderíamos pensar que, por

especificidade deste grupo profissional, não se registaria uso dessa partícula. Porém, no caso do discurso masculino, há 4 dos 7 entrevistados que ocupam cargos políticos, mas em 3 desses casos a produção de *não é?* ocorre frequentemente, o que nos leva a crer que a produção ou não-produção de *não é?* possa estar mais associada a uma questão de género do que necessariamente a uma questão de estratificação social e grupo profissional, ainda que esta última informação contrarie os dados até então recolhidos.

No que diz respeito à ocorrência da partícula interrogativa no discurso masculino, a típica ação de atenuação da afirmação parece ser a função principal, não tendo sido encontrados casos relevantes de usos combinados com provérbios ou expressões idiomáticas. Vejam-se os exemplos:

- (19) *Grande parte daquilo é uma comédia, não é?*
- (20) *É inata, não é?*
- (21) *Era ecológico, ambientalmente limpo, não é?*
- (22) *Está a ver o que isto durou, não é?*
- (23) *Uma pessoa tem saudades, não é?*

Quanto às construções introdutoras de opinião, as ocorrências só se distinguem pelo grau de frequência, já que em ambos os sexos a função é a mesma – diminuir o grau de certeza do enunciado:

Discurso dos homens:

- (24) **Acho que** [ele] *está em condições de fazer de imediato.*
- (25) *Algo que é, julgo eu, de destacar.*
- (26) **Acho que** *é muito difícil.*

Discurso das mulheres:

- (27) **Eu julgo que** *também não seria útil.*
- (28) **Eu acho que** *é assim que nós temos de trabalhar.*
- (29) **Eu penso que** *não podemos minimizar.*

Estes exemplos evidenciam também a função de *disfarce* (Hyland 1998) da origem da opinião ou julgamento, como em (26) ou (28) e, até, uma “particular “attitude” of commitment” (*ibid*, 45) que comporta algum grau de hesitação ou formalidade e que é

relativamente evidente em (25) se conhecermos o contexto que consiste no discurso de uma figura política que lista uma série de feitos do partido a que pertence. Isto leva-nos a considerar uma outra questão que é a da relevância que podem ter os variados contextos temáticos e os diferentes géneros discursivos para o comportamento das construções introdutórias de opinião que ocorrem dentro de uma mesma situação comunicativa, aspeto que pode moldar diferentes sentidos pragmáticos e que deverá ser tido em conta numa fase posterior de investigação.

## 5. Considerações finais

Apesar de esta fase do trabalho ter sido exclusivamente direcionada para a quantidade e qualidade das ocorrências de *não é?* e de construções introdutoras de opinião, houve outros mecanismos que nos pareceram relevantes pela sua frequente utilização. Embora não tenhamos dados concretos para o afirmar, pareceu-nos produtiva em ambos os sexos a utilização já apresentada por Kerbrat-Orecchioni (2010) do condicional, neste caso, em formas do verbo dizer como *eu diria que, diria eu*. Para além disso, suscitou-nos também alguma curiosidade a ocorrência, tanto no discurso produzido por homens como no discurso produzido por mulheres, do minimizador *um bocado* acompanhado do sufixo diminutivo – *inho*: “o minimizador preferido dos falantes” (*ibidem*). Este duplo modificador (externo com um sufixo interno) é, de facto, intrigante, visto que adquire múltiplos e variadíssimos sentidos pragmáticos, funcionando, também, e frequentemente, com uma “função de atenuação da responsabilidade enunciativa” (Duarte 2018: 9). Considerem-se os seguintes exemplos, retirados dos três programas de televisão analisados:

(30) Fizemos **um bocadinho** a viagem do Magalhães.

(31) Como os Lusíadas são *um bocado*, sem querer ofender Luís de Camões, **um bocadinho** lambe-botas.

(32) Nós temos de perder **um bocadinho** essa mania.

(33) Um Portugal cinzento, **um bocadinho** a preto e branco, mas mais cinzento que preto e branco.

## 6. Conclusão

Se, por um lado, o generativismo veio comprovar que há certas características comuns a todas as línguas do mundo e que há, por um lado, uma estrutura interna e inata a qualquer língua que acompanha qualquer ser humano desde o seu nascimento, por outro lado, as estruturas de superfície (*surface structures*, em termos chomskianos) são diferentes de língua para língua e podem, em certos casos, refletir padrões sociológicos das próprias comunidades

linguísticas. Havendo ainda espaço nestas estruturas de superfície para um certo relativismo linguístico, há também lugar para acreditar que a análise do uso da língua, enquanto organismo vivo que se deixa utilizar e manipular pelos falantes, constitui um espelho sociológico. Neste sentido, e dado os resultados apurados neste trabalho, poderemos afirmar que o uso da língua portuguesa reflete diferenças ao nível do género da mesma forma que elas existem na sociedade que usa essa mesma língua.

Partimos de Lakoff (1972) para avaliar o contexto contemporâneo, já num outro século, chegando à conclusão que de o discurso produzido por mulheres continua a apresentar um maior uso de atenuadores e, principalmente, um maior uso de construções introdutórias de opinião como mecanismo de atenuação. Isto quer dizer que as falantes, ao dizerem “eu acho, eu creio, eu penso” demarcam-se daquilo que dizem e é retirado peso ao enunciado. Isto quer dizer também que o facto de estar aí inserida explicitamente uma opinião, um *eu* identitário e com referência indicial torna o enunciado menos forte em termos ilocutórios e o facto de tudo isto acontecer mais no discurso feminino do que no masculino poderá ser interpretado à luz dos padrões sociais dessa mesma comunidade linguística.

Continuam, ainda assim, a faltar mais dados e indicadores de análise e uma clara comparação entre classes sociais para que um verdadeiro mapeamento dos mecanismos de atenuação possa ser rigorosamente erigido e conclusões mais firmes quanto às diferenças de género no uso da língua possam ser aferidas.

## REFERÊNCIAS

- Austin, J. L. 1986. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press.
- Blank, A. 2001. *Einführung in die lexikalische Semantik für Romanisten*. Tübingen: Niemeyer.
- Biber, D.; Conrad, S. 2009. *Register, Genre, and Style*. New York: Cambridge University Press.
- Briz, A.; Albelda, M. 2013. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística em español y portugués. La base de um proyecto em común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomázein* 28, pp. 288-319.
- Bussman, H. 1990. *Lexicon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart: Kröner.
- Coates, J. 2013. *Women, Men, and Everyday Talk*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

- Duarte, I. M. 2018. Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu. Alguns exemplos de análise de expressões extraídas de usos orais informais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, pp. 1-17.
- Guidicini, L, M. 1987. *Feminismo e Linguagem. Uma Relação Signo-Mulher*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Hyland, K. 1998. *Hedging in scientific research articles*. Amsterdam: John Benjamins.
- Joos, M. 1967. *The Five Clocks*. New York: Harcourt.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 2010. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lakoff, G. 1973. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts. *Journal of Philosophical Logic*, 2, pp. 458-508.
- Lakoff, R. 1975. *Language and Woman's Place*. New York: Harper & Row.
- Leech, G. 1983. *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- Macário Lopes, A. C. 2004. De facto. In Oliveira, F.; Duarte, I. M. (eds.), *Da Língua e do Discurso*. Porto: Campo das Letras, pp. 417-429.
- Murphy, B. 2010. *Corpus and Sociolinguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Oliveira, F.; Mendes, A. 2013. Modalidade. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (eds.), *Gramática do Português*. (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 623-669.
- Spencer, D. 1985. *Man Made Language*. London: Routledge & Paul.